

# **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

## **1. Portos de Chegada, locais de quarentena e venda**

A execução do tráfico atlântico de africanos escravizados envolveu a construção de portos, locais de quarentena e venda de africanos recém-chegados nas diversas cidades portuárias, ao longo do período colonial. A partir do final do século XVIII, o comércio negreiro começou a perder legitimidade no mundo Atlântico, até tornar-se ilegal na maioria dos países que o praticavam, no início do século XIX. Em 7 de novembro de 1831, o governo Imperial brasileiro promulgou a primeira lei proibindo a entrada de escravos africanos no país, prevendo pesadas penas para quem vendesse, transportasse ou comprasse africanos traficados em território brasileiro.

Entretanto, até a lei de 1850, as autoridades toleraram os horrores do tráfico. Mesmo condenado internacionalmente, mais de 750 mil pessoas foram contrabandeadas para o Brasil. Apesar do não cumprimento da lei de 1831, os comerciantes de africanos tiveram que buscar maior discrição para seus negócios e buscaram locais de desembarque afastados dos centros urbanos.

Em 4 de setembro de 1850, finalmente, uma nova lei, conhecida como Lei Euzébio de Queiroz, foi aprovada no Parlamento. Após sua promulgação, apesar da continuidade do contrabando, a repressão ao tráfico avançou significativamente até sua completa extinção.

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Cafua das Mercês – São Luís – MA*

Construído em meados do século XVIII, na Praia Grande, antigo bairro das casas comerciais do Maranhão, a Cafua das Mercês era o antigo mercado de escravos que servia para receber os africanos que desembarcavam no Portinho e ali mesmo eram vendidos. O prédio possui fachada em estilo colonial com apenas uma porta principal cercada de seteiras que serviam como as únicas entradas de luz e ventilação. Hoje no local funciona o Museu do Negro, um espaço destinado à preservação da memória da presença africana no Maranhão.

Referência:

MUSEU CAFUA DAS MERCÊS (MUSEU DO NEGRO). Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

Consultor: Carolina Martins

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Rua do Bom Jesus (antiga Rua dos Judeus) –Recife – PE*

Desde o tempo da ocupação holandesa, a Rua dos Judeus era a mais importante do bairro do Recife, possivelmente em decorrência de seu traçado natural de velha estrada, que conduzia viajantes procedentes de Olinda. Passou a se chamar Rua do Bom Jesus, a partir de 1870. Embora não se saiba a localização exata, ali teria existido um mercado de escravos africanos, registrado pelo desenhista Zacharias Wagener (1614-1668) em sua obra “*Mercado de Escravos do Recife*”.

### Referência:

SILVA, Maria Carolina Medeiros da. A presença judaica na urbanização do Recife nos séculos XVII e XX. *I Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco*, 2007. Disponível em:

<http://www.pgh.ufrpe.br/brasilportugal/anais/8a/Maria%20Carolina%20Medeiros%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

Consultor: Marcus Carvalho

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Cais da Cidade Baixa (Salvador - BA)*

Localizado na Cidade Baixa, no bairro portuário e comercial da antiga freguesia da Conceição da Praia, onde também ficava a alfândega. Ali eram recebidos os escravos desembarcados em Salvador antes da proibição do tráfico de africanos, promulgada pelo governo imperial em 07 de novembro de 1831. Mesmo antes e depois dessa data, o local também era utilizado para embarque de escravos e posterior distribuição na rota do tráfico interno.

Referência:

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX*. Rio de Janeiro: Versal; Odebrecht, 2005.

Consultor: João José Reis

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Porto de São Mateus – São Mateus - ES*

O porto de São Mateus, às margens do rio homônimo, no extremo norte do Espírito Santo, era um porto fluvial muito próximo à costa atlântica brasileira, entre as províncias do Rio de Janeiro e da Bahia. Foi o principal escoadouro da produção agrícola regional, especialmente da farinha de mandioca (produzida em larga escala e base da economia regional) e do café das fazendas da região. Ao longo do século XIX, o porto tornou-se importante mercado de escravos e por ali entraram muitos africanos, mesmo após a promulgação da lei de 1850, quando foram estabelecidas novas medidas de repressão ao tráfico de africanos.

### Referência:

RUSSO, Maria Do Carmo de Oliveira. Cultura política e relações de poder na região de São Mateus: o papel da Câmara Municipal (1848/1889). *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Programa de Pós-Graduação em História. Vitória, 2007.

Consultor: Adriana Pereira Campos / Maria do Carmo de Oliveira Russo

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Cais do Valongo – Rio de Janeiro - (RJ)*

Em 1774, o Vice-Rei Marquês do Lavradio determinou que passasse a ficar “fora dos limites da cidade” do Rio de Janeiro o comércio de africanos. O novo local escolhido para esse comércio foi o Valongo, entre a Pedra do Sal e a Gamboa. A ideia, com propósito de não contaminar a cidade, era isolar os recém-chegados que ali esperariam a venda para depois saírem diretamente pelo mar, através do Cais do Valongo e outros trapiches próximos. Estima-se que passaram pela região quase 1 milhão de africanos. A partir de 1831, com a proibição do tráfico de africanos pelo Governo Imperial, a entrada de escravos pelo Valongo diminuiu significativamente e os comerciantes tiveram que buscar maior discrição nos negócios de africanos. Procuraram locais mais seguros para o tráfico, em geral, em praias isoladas, mas não muito distantes dos pólos dinâmicos da economia brasileira, como as regiões cafeeiras do sudeste, que requisitavam mão de obra escrava africana.

### Referência:

HONORATO, Claudio de Paula. Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

Consultor: Claudio Honorato.

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Cemitério dos Pretos Novos – Rio de Janeiro - (RJ)*

Os africanos recém-chegados (os pretos novos) que não conseguiam resistir aos sofrimentos da viagem tinham como destino final uma vala comum onde seus corpos eram depositados e incinerados.. O Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro registra, entre 1824 e 1830, um total de 5.868 mortes de pretos novos na Freguesia de Santa Rita. Em 1830, o cemitério foi fechado. Em função do aumento populacional da área, começou a ser criticado pelo fato de exalar mau cheiro pela região próxima e de gerar doenças na cidade. Os vestígios arqueológicos do Cemitério dos Pretos Novos foram recentemente descobertos, após obra de reforma em uma casa particular. No local foi criado o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos. As investigações realizadas comprovaram a presença de uma população predominantemente jovem, originária da África Central.

### Referência:

PEREIRA, José Julio Medeiros de S. *À flor da terra : O Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado.* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2006.

Portal Arqueológico dos Pretos Novos. Disponível em: <http://www.pretosnovos.com.br>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

Consultor: Claudio Honorato

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Lazareto da Gamboa – Rio de Janeiro – RJ*

O Lazareto abrigava africanos que precisavam de quarenta, pois chegavam com moléstias epidêmicas ou contagiosas. A construção original, de 1810, foi realizada por três negociantes de escravos, João Gomes Valle, José Luiz Alves e João Álvares de Souza Guimarães. Os negociantes alegavam que a Ilha do Bom Jesus, local oficial para a quarenta, era muito distante do Valongo, causando prejuízos aos seus negócios. Por terem custeado a obra, recebiam, a título de ressarcimento, um aluguel no valor de 400 réis por cada escravo recolhido nas suas instalações. Localizado atrás do Monte da Saúde, na Gamboa, o lazareto teria capacidade para receber de uma só vez aproximadamente mil escravos. O edifício não existe mais, mas o terreno pertence ao Banco Central do Brasil.

Referência:

HONORATO, Cláudio de Paula. Valongo: o Mercado de Escravos do Rio de Janeiro, 1758-1831. *Dissertação de Mestrado* - PPGH-UFF. Niterói, 2008.

Consultor: Cláudio Honorato

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Mercado do Valongo – Rio de Janeiro - (RJ)*

As atividades de recepção e manutenção do comércio de africanos escravizados, como alimentação, transporte, cura de doenças e enterramentos, envolveu o trabalho de muitos escravos e africanos. A Rua do Valongo (atual Rua Camerino), caminho entre a cidade e o cais, era o local dos barracões, galpões e sobrados, onde se amontoavam até 400 escravos em condições insalubres e desumanas.

Referência:

HONORATO, Claudio de Paula. Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

Consultor: Claudio Honorato.

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

*Local: Ilha do Bom Jesus da Coluna - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro (RJ)*

No início do século XVIII, a ilha foi doada aos franciscanos, que ali ergueram a Igreja do Bom Jesus da Coluna, nome pelo qual passou a ser conhecida, além de um hospício e um convento. Entre o final do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, o local recebeu milhares de escravos africanos, que tivessem contraído alguma moléstia durante a travessia do Atlântico. Os que se recuperavam eram enviados às lojas do Valongo. Os que não resistiam, eram sepultados no cemitério dos Pretos Novos. Durante o século XIX, as construções funcionaram como convento, hospital de isolamento de epidemias e asilo dos inválidos da pátria após a Guerra do Paraguai. Hoje, a área abriga o Santuário Militar de Bom Jesus da Coluna. A ilha é uma das seis que foram aterradas no início do século XX para criação da Ilha do Fundão. A Igreja é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

### Referência:

HONORATO, Claudio de Paula. Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

Consultor: Claudio Honorato.

## **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Porto de Jaguarão – Jaguarão – RS*

Entraram pela antiga cidade portuária, situada no Rio Jaguarão, entre o Uruguai e o Brasil, inúmeros escravos, ao longo do século XIX, vindos de diversas regiões da África e do Brasil, para o trabalho nas charqueadas. Na antiga Praça do Comércio, hoje o Mercado Público da cidade, realizava-se o comércio de compra e venda de escravos. Jaguarão também era caminho para os escravos traçarem rotas de fuga e caminhos para a liberdade, ao longo do século XIX, no vizinho Uruguai.

### Referência:

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LIMA, Andréa da Gama. Territórios negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico. In: *Ensino de História no Conesul: Patrimônio Cultural, Territórios e Fronteiras*. Jaguarão: Evangraf, 2012. p. 261-272.

Consultor: Keila Grinberg